

A Amizade entre o Homem e a Mulher e a Identidade Sexual.

Uma contribuição da Psicologia Simbólica Junguiana¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²
SBPA, São Paulo, Brasil.

Num congresso que aborda o tema da amizade, não poderíamos deixar de incluir a relação entre o homem e a mulher. Muito se fala de amor e nem tanto de amizade entre a mãe e o pai da humanidade.

A Psicologia Simbólica Junguiana considera todas as coisas símbolos estruturantes e todas as funções, funções estruturantes, cuja interação é coordenada por arquétipos e rege o processo de elaboração simbólica para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. Considero a função estruturante da amizade mais abrangente que a do amor, posto que pode expressar a afetividade sem posse e com total desapego, o que é mais difícil de acontecer com o amor.

Desde o início da formação da Consciência, possivelmente, sempre achamos que conhecíamos a nós mesmos e à natureza à nossa volta. Com o desenvolvimento das ciências modernas, passamos a reconhecer cada vez mais o nosso desconhecimento do universo e de nós mesmos além das aparências. Essa percepção deu lugar à necessidade de buscar aprofundar esse conhecimento diariamente. É o que vem acontecendo com as ciências exatas e com as ciências humanas, incluindo ultimamente a identidade do homem e da mulher.

A Psicologia Simbólica Junguiana descreve cinco inteligências da polaridade Ego-Outro, encadeadas para exercer o conhecimento. Elas são a posição indiferenciada, coordenada pelo Arquétipo Central, seguida pela posição insular do Arquétipo Matriarcal, pela posição polarizada do Arquétipo Patriarcal, pela posição dialética do Arquétipo da Alteridade, que engloba os Arquétipos da Anima e do Animus e, finalmente, pela posição

¹ Palestra inscrita para o VI Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, Florianópolis, 19 a 22 de setembro, 2012.

² Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. Consultório: R. Santa Justina, 352 conj.134 Vila Olímpia – São Paulo – SP CEP 04545-041. Tel.55 11 3845-3663. e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

contemplativa do Arquétipo da Totalidade, que termina toda e qualquer elaboração simbólica, inclusive da vida física.

Para o homem e a mulher buscarem se conhecer dentro da dialética de Alteridade, ou seja, dentro de um relacionamento quaternário em que um pode admitir ter qualquer característica e denunciar a Sombra do Outro e vice-versa, é necessário que eles elaborem e ultrapassem as fixações e defesas matriarcais e patriarcais que reduzem sua capacidade de elaboração simbólica, e que foram formadas durante o relacionamento trágico vivido durante os dez mil anos de dominância patriarcal.

A meu ver, resumidamente, as principais fixações que atingiram o homem e a mulher nesse período de aproximadamente 10 mil anos regidos pela dominância patriarcal e que formaram a Sombra dos seus processos de individuação no Self Individual e de humanização no Self Cultural, foram matizadas pela separação radical da identidade do homem e da mulher, pela opressão da mulher e pela identificação de cada um com os seus papéis sociais. Devido ao fato desses papéis sociais terem sido divididos e reduzidos principalmente às funções do lar para a mulher, exceto o pátrio poder, e as demais atividades sociais para o homem, as identidades deles foram reduzidas grandemente a essas funções. O problema, porém, é que eles não só assim se comportaram como também assim se sentiram. O papel social histórico/circunstancial passou a ser considerado uma identidade psico-biológica-social estruturada.

Sobre a identidade do homem, podemos dizer de um modo sucinto, que as principais deformações históricas da sua identidade foram a repressão de grande parte do Arquétipo Matriarcal e da função sentimento às custas de uma hipertrofia do Arquétipo Patriarcal, do exercício do poder, da competição, da autocracia, do narcisismo, da agressividade e da violência. A autocracia da identidade do homem na polaridade homem-mulher levou-o a servir-se do que nela fora depositado como a sensualidade, a alimentação e os demais serviços do lar. Essas condições dão uma pequena ideia da dificuldade de um homem de dispor da função afetiva para relacionar-se com o mundo dentro da alteridade, principalmente com a mulher que é a mais próxima da sua intimidade.

Sobre a identidade da mulher, podemos também dizer de maneira resumida que as principais deformações históricas da sua identidade foram a deposição nela do Arquétipo Matriarcal reduzido às funções domésticas e ao poder e à sensualidade do homem. Ao mesmo tempo, a identificação do homem com o Arquétipo Patriarcal impediu que a mulher participasse das profissões fora do lar e de todas as atividades sociais relativas ao exercício do poder. A natureza dessas restrições explica a preservação da função afetiva

na mulher e sua tarefa gigantesca para relacionar-se com o homem em igualdade de condições nas profissões fora do lar e na sensualidade dentro dele.

Jung descreveu os Arquétipos da Anima e do Animus expressando símbolos muito variados, mas dando-lhes uma conotação geral do feminino no homem e do masculino na mulher. Apesar de dar a esses arquétipos a condição de alteridade para relacionar dialeticamente consciente-inconsciente e buscar a totalidade (psicopompos), o fato de eles colocarem o feminino, que é sinônimo de mulher, dentro do homem, e vice-versa, com o Animus, acredito que veio confundir grandemente os conceitos de identidade do homem e da mulher.

Por isso, sugiro que os Arquétipos da Anima e do Animus sejam considerados exclusivos respectivamente do homem e da mulher e que suas polaridades sejam concebidas como passiva e ativa, Yin e Yang, como fez sabiamente a sabedoria chinesa, separadamente para o homem e para a mulher.

No entanto, para se perceber as diferenças de identidade do homem e da mulher no que concerne o Arquétipo da Alteridade com a Anima e o Animus dentro do processo de individuação, é preciso contextualizar essas diferenças dentro do desenvolvimento arquetípico da personalidade, pois é a partir do início da formação da identidade, que podemos perceber os caminhos diferentes trilhados desde o início pelo homem e pela mulher.

A Primeira Fase. A Fase Intrauterina (9 meses)

Nesta primeira fase arquetípica da vida, a partir do terceiro mês de gestação, diferenciam-se os órgãos genitais masculinos e femininos, através do desenvolvimento e da atrofia de órgãos comuns pré-existentes. Durante o resto da gestação, a identidade masculina e feminina é estabelecida e desenvolvida com os órgãos que lhes são próprios. Distinguimos aqui os ovários, o útero, a vagina e o clitóris, na mulher e os testículos, o escroto e o pênis, no homem. Longe de serem autônomas, essas diferenças se estendem a toda a formação neuroendócrina do organismo e se preparam para desempenhar uma unidade funcional durante o desenvolvimento futuro.

Ao mesmo tempo, no Self Cultural, no Self Familiar e no Self Conjugal, que circundam a gestação do Self Individual, a identidade do homem e da mulher se apresenta com características próprias que são o resultado histórico, genético e cultural da evolução de incontáveis gerações.

Essa identidade cultural, familiar e conjugal receberá o Self Individual da criança e com ele interagirá durante a formação da identidade futura do homem e da mulher.

A Segunda Fase. A Primeira Infância (0-2 anos)

Durante esta fase vigora a sensualidade e o desejo coordenados pelo Arquétipo Matriarcal com a criança na atitude passiva.

Dentro do referencial teórico da Psicologia Simbólica Junguiana, os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal são masculinos e femininos, pois operam na personalidade tanto do homem quanto da mulher.

Quando o Self Cultural já atingiu significativamente a implantação do Arquétipo da Alteridade, como é o caso da cultura ocidental, a primeira infância se caracteriza pelo acolhimento e cuidado da criança pelos complexos materno e paterno e pelo vínculo entre eles. A identidade começará a se firmar então como um produto do quatérnio primário, formado pelos complexos materno e paterno, pelo vínculo entre eles e pelas reações da criança.

Este vínculo igualitário e dialético entre os complexos parentais no quatérnio primário, só pode ser plenamente exercido dentro da coordenação do Arquétipo da Alteridade e é inviabilizado pela dominância patriarcal que reduziu o bebê à díada criança-mãe e dela excluiu a presença do pai. Quando isso acontecia, a relação de amizade e companheirismo do homem e da mulher era muito limitada.

A Terceira Fase. A Segunda Infância (02 aos 12 anos)

A formação da identidade na primeira infância, coordenada pelo Arquétipo Matriarcal é pré-verbal e ocorre basicamente dentro da sensualidade. A grande modificação que ocorre na passagem para esta fase é a aquisição da fala que transportará a criança do universo sensorial pré-verbal para o universo verbal. Isto quer dizer, a transição de uma vida centrada nas pulsões instintivas e sensoriais, para outra vida guiada pelas representações do mundo interno e externo, que acompanharam o desenvolvimento da linguagem.

Essa imensa modificação do ser humano virá acompanhada do controle esfinteriano e da locomoção que propiciarão uma grande autonomia para a criança.

Outra grande modificação ocorrerá e começará o grande caminho da consciência para a formação da identidade sexual e da relação entre o homem e a mulher. Ela ocorre quando as crianças se dão conta que a menina não tem pênis. Dentro da tradição milenar patriarcal, isso foi interpretado como uma grande falta que estruturará a dominância falocêntrica sobre a inferioridade da mulher e o clitóris foi interpretado como um pênis atrofiado. Essa mesma postura falocêntrica é ainda complementada em muitas culturas

tribais pela cliterotomia, que atua física e defensivamente a noção científica do clitóris como pênis atrofiado.

A cliterotomia como repressão e desqualificação patriarcal da mulher foi atuada pela interpretação simbólica da percepção da ausência do pênis como inveja do pênis e complexo de castração da menina (Freud 1905). Esta mutilação psicológica patriarcal da mulher foi continuada com a teoria da fase de latência da sexualidade infantil desde a descoberta do início da sexualidade até a puberdade.

O desenvolvimento da fala propicia a abstração da sensualidade e a ativação do Arquétipo Patriarcal, que é o arquétipo da organização presente tanto no homem quanto na mulher. É nesta organização que se pode estabelecer ou não a ideologia da inferioridade da mulher estruturada pela dominância patriarcal durante 10 mil anos. Continuá-la é decretar a impossibilidade da amizade entre o homem e a mulher.

Amizade autêntica só pode existir dentro de relacionamentos baseados na liberdade para o exercício de direitos iguais. Enquanto isso não existir entre o homem e a mulher, não podemos desejar a amizade entre eles. Essa igualdade, porém, necessita ser exercida desde o início da formação da identidade. Não adianta distorcermos, reprimirmos e desqualificarmos a formação da identidade feminina para, depois, falarmos em igualdade e amizade entre os sexos.

A Iniciação Sexual dentro da Alteridade

Para desenvolvermos a identidade sexual do homem e da mulher, com características de igualdade e respeito mútuo, que possam levar a amizade entre eles, a Psicologia Simbólica Junguiana propõe a iniciação sexual para a o início da formação da identidade do homem e da mulher.

A iniciação sexual deve começar quando o menino e a menina se dão conta, por volta dos dois anos de idade, que a menina não tem pênis. Nesse momento, a mãe deve começar a iniciação dizendo para a menina que ela e a mamãe são diferentes dos meninos e do papai, porque eles têm o xixi pendurado e elas o têm dentro. Posteriormente, não faltarão oportunidades para a mãe mostrar essa evidência no próprio corpo dela e no da filha. A seguir, será instituída em casa a privacidade do homem e da mulher, com referência a fechar a porta do banheiro, trocar de roupa e demais situações íntimas, ou seja, será praticado em casa o que já existe na cultura. Para exercer esse ritual, a mãe terá que vencer grandes resistências que estão ocultas e disfarçadas na situação de aparente liberdade sexual reinante na cultura ocidental. O nudismo praticado em muitas famílias entre nós, dentro de uma aparente liberdade sexual é, na realidade, a

meu ver, uma prática perversa exibicionista e voyeurística de quem racionaliza e nega a pujança e o desenvolvimento da sexualidade infantil.

A mesma fala iniciática deve ocorrer entre o pai e o menino e, a partir daí, o menino deve ser privado de ver sua mãe e sua irmã nuas, ou seja, coincidentemente com o que acontece em sua sociedade.

A segunda fase da iniciação sexual ocorrerá quando a menina começar a manipular o clitóris em público. Pela razão deste fato ocorrer frequentemente na escola, professoras e professores precisam estar instruídos para não expressar nenhuma reação aversiva ou repressiva que desperte vergonha. A intervenção com a criança deve ser a mais natural possível, dizendo-lhe, até mesmo na frente dos colegas, que cocô e xixi se faz no banheiro, na intimidade e que, por isso, mexer no xixi só deve ser feito no banheiro, na hora do banho.

A segunda fase da iniciação é para a criança manter a manipulação sexual como uma atividade normal, caminhando para a masturbação plena e o orgasmo na puberdade.

A finalidade da iniciação sexual faz parte essencial da educação da sexualidade e do humanismo democrata que postula a igualdade entre o homem e a mulher, sem o que não será possível existir amizade entre eles.

A iniciação é natural para o menino, pois a tradição falocêntrica já enaltece suficientemente o valor do pênis e o exercício da sexualidade do homem. A iniciação é de inestimável valor para a formação da identidade da mulher e da integração da sua formação sexual. Assim iniciada, a mulher sentirá que a sexualidade é dela para lhe dar prazer e para dar prazer a quem ela quiser, dentro do amor. Sem isso, é comum a mulher, não só não ter naturalidade com a sexualidade que a faz vivê-la com culpa, como trata-la como algo do homem, para quem ela dá ou não o seu sexo. Nesse sentido, é importante chamar a atenção para a aparente liberalidade sexual de muitas meninas que, atualmente, já aos 13 anos começam a atuar como se fossem sexualmente experientes, quando na maioria dos casos, estão afetivamente dissociadas, imitando o homem patriarcal machão tradicional e atuando uma sexualidade desenraizada da sua emoção e afetividade. Trata-se, frequentemente, em realidade, de uma grande pantomima exibicionista buscando encobrir a insegurança por não ter a função estruturante da sexualidade enraizada na autenticidade do seu Self, o que nos faz lembrar a sedução compulsiva da ninfomania histérica.

A Diferença da Relação Primária na Terceira Fase da Vida A Ferida Primal

Outro fator que afeta intensamente a formação da identidade do homem e da mulher e dificulta extraordinariamente a sua relação igualitária e, por conseguinte a sua amizade é a diferença da relação primária.

Ao se perceberem menino e menina, as crianças percebem também a maior consequência disso no quaternio primário, ou seja, que as meninas podem continuar junto da mãe, para formar sua identidade, mas que são diferentes do pai e devem dele se separar e que os meninos podem continuar junto ao pai, mas devem se separar da mãe. Isto faz com que as meninas continuem juntinhas afetivamente e desenvolvam sua persona imitando a mãe a ponto de atuarem a maternidade desde cedo com suas bonecas.

O contrário se dá com os meninos que, a partir da percepção da sua identidade sexual, aos dois anos de idade, devem se separar cada vez mais da mãe, construindo uma persona diferente da dela e se preparando para ser qualquer coisa na vida, menos mulher.

Esta separação da mãe e do pai associada à percepção da identidade sexual, constitui a **ferida primal do quaternio primário**, que afetará muito a identidade do homem e da mulher e o seu reencontro na vida adulta dentro do Self Conjugal.

A ferida primal afetará de modo diferente a menina e o menino, a mulher e o homem, dependendo muito do Complexo Materno, do Complexo Paterno, do vínculo entre eles e das reações de cada criança no quaternio primário e, posteriormente, na conjunção Anima e Animus, no quaternio conjugal.

No caso da menina, sua ferida primal será a vivência de separação do pai na sua identidade que poderá afetar a sua feminilidade seriamente. Caso haja uma dificuldade qualquer na sua relação com a mãe no complexo materno, a menina poderá se apoiar compensatoriamente na relação afetiva com o pai e nesse caso sua ferida primal poderá adquirir características muito significativas. Em geral, são mulheres que se tornam masculinizadas, podendo até mesmo se tornar homossexualmente defensivas. Caso o pai seja distante ou rejeitador isso agrava ainda mais a ferida primal da menina.

A ferida primal da menina poderá cicatrizar quando a relação com a mãe é boa e a relação com o pai é também íntima e afetiva. No entanto, a tendência geral da ferida primal na menina, dentro da cultura de dominância patriarcal, como a nossa, é dificultar a identidade da mulher na integração do Animus positivo, responsável pelo desenvolvimento profissional, pela ambição de liderança social, de criatividade cognitiva e

sexual de disputa com o homem de um lugar ao Sol. Nesse sentido, sua amizade com o homem é dificultada, por ela não ter uma autoestima que a possibilite se relacionar de igual para igual e termina buscando e se acomodando num relacionamento de dependência, submissão e quando muito de imitação e competição.

A ferida primal do menino o afasta da mãe, da sua função afetiva e em parte também do Arquétipo Matriarcal. É esse afastamento que separará, mais tarde, o homem da sua afetividade na vida social, ou seja, separará a posição insular matriarcal da Anima e da posição dialética de alteridade dentro do amor.

No *Livro Vermelho*, Jung lida justamente com essa limitação afetiva do homem em si mesmo, representando Salomé inicialmente cega (sensualidade erótica, matriarcal), mas incapaz de amar, finalmente recuperando a visão quando se torna capaz de expressar a Anima e amar. Foi assim que Jung descobriu o Arquétipo da Anima na individuação.

A ferida primal do menino reprime sua função afetiva e com isso dificulta muito não só sua heteroafetividade (com a mulher), mas também sua homoafetividade (com outros homens). Contrariamente às meninas que tem sua função sentimento preservada, que lhes permite andar abraçadas, rindo e conversando feito um bando de passarinhos, os meninos andam uns atrás dos outros em correrias permeadas de tapas e lutas. A amizade entre os homens é geralmente de cunho patriarcal, ideológico, um pacto entre companheiros unidos para desempenharem missões, não raro missões com risco de vida. Abraçar-se e fazer carinhos físicos de conotação sensual matriarcal, nem pensar, pois isso pode leva-los a serem rotulados de homossexuais. O amigo do homem na personalidade de dominância patriarcal geralmente é outro machão, cuja amizade é fortalecida por relatos nos quais “comem” mulheres.

O Relacionamento entre a Anima e o Animus e a sua Raiz Matriarcal e Patriarcal

Devido ao fato de Jung não ter levado em consideração a formação do Ego pelos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal nas três primeiras etapas arquetípicas da vida, ele identificou a Anima e o Animus com o feminino e o masculino, respectivamente. Nisso, ele foi seguido por muitos junguianos como Emma Jung e Toni Wolff, que não diferenciam a Anima e o Animus dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal. Dessa maneira, esses junguianos rotulam de Anima e Animus qualquer manifestação feminina e masculina na personalidade do homem e da mulher.

Ora, como descrevi em meu livro *Psicologia Simbólica Junguiana*, (2005), a consciência dialética de alteridade que expressa os Arquétipos da Anima e do Animus,

necessita integrar e ultrapassar os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal. Assim sendo, se não levamos em conta a estruturação normal e as fixações sombrias do Self Individual e Cultural, não vamos poder compreender a dinâmica dialética e as disfunções da conjunção da Anima e do Animus na relação do homem e da mulher.

No caso do Livro Vermelho, por exemplo, a figura de Salomé, como expressão da Anima, surge inicialmente cega devido à fixação matriarcal de Jung e do homem na cultura de dominância patriarcal, que se torna incapaz de exercer criativamente a função afetiva e de amar. Nesse sentido, Salomé cega busca o amor e é filha de Elias, representante do misticismo patriarcal repressivo que também começa a buscar a alteridade através do Matriarcal cego e incapaz de amar.

Por isso, como demonstrou Maria Helena Guerra (2011) em sua interpretação do Livro Vermelho, Jung encontra o amor, na medida em que Salomé adquire a visão, ao sair da cegueira erótica da fixação matriarcal e Elias é substituído por Philemon, aquele que atingiu a liberação da sua função afetiva e se tornou capaz de amar.

O amor e a amizade entre Philemon e Baucis, se torna possível, porque eles recebem Hermes e Zeus em sua casa, ou seja, porque aprendem a exercer o relacionamento de alteridade (Hermes) dentro da busca de totalidade (Zeus).

Por seu lado, para exercer seu Animus livre de sua ferida primal, a mulher necessita integrar sua sensualidade matriarcal criativa com a sua afetividade inseparavelmente da ambição de liderança e a capacidade criativa do seu *logos* patriarcal.

Desta maneira, podemos compreender que a amizade entre o homem e a mulher só é realmente possível, na medida em que, como Philemon e Baucis, que são jardineiros, cuida do desenvolvimento da Anima e do Animus no processo de individuação de cada um, integrando o Arquétipo Matriarcal e Patriarcal nas suas atitudes passiva e ativa.

Completo:

Caracteres: 21.457

Palavras: 3.464